

A INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID¹

Gabriela Alves de Oliveira,

Instituto Federal Sudeste de MG, Campus Barbacena (IFSUDESTEMG)

Scheila Espindola Antunes,

Instituto Federal Sudeste de MG, Campus Barbacena (IFSUDESTEMG)

RESUMO

Este texto tem por objetivo relatar experiências de práticas pedagógicas observadas e vivenciadas durante as ações do subprojeto de Educação Física do PIBID em duas escolas da rede pública na cidade de Barbacena/MG, as quais possuíam alunos com necessidades educacionais especiais. Por meio de observação sistematizada identificamos que o trabalho em grupo é uma eficaz metodologia a ser empregada na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, respeitando suas individualidades.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão; educação física; PIBID.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação que visa proporcionar aos acadêmicos de licenciaturas a aproximação das realidades educacionais de escolas públicas de educação básica (CAPES, 2020). Segundo Silva e Rios (2018), essas oportunidades são fundamentais para uma formação docente inicial mais qualificada.

No caso da Educação Física esse tipo de programa tem se tornado cada vez mais importante e necessário. Segundo Soares *et. al* (1992, p.61): “a Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal”. E, o universo das práticas corporais é amplo, diversificado e complexo. O trato pedagógico requer não apenas o conhecimento de seus aspectos técnicos, mas, igualmente dos elementos socioculturais que envolvem os conteúdos.

Corroborando, Costa e Sousa (2004) afirmam que a Educação Física conseguiu, em certa medida, superar os aspectos meramente técnicos das manifestações da cultura corporal

¹ O trabalho é fruto de experiências vivenciadas durante a atuação como bolsistas do PIBID portanto, agradecemos à CAPES pelo financiamento do programa e, indiretamente, deste trabalho.

quando incorporou princípios da inclusão, promovendo adaptações às práticas físicas e esportivas. Com isso, tentou-se (e ainda se tenta) valorizar as diferenças superando qualquer estereótipo de corpo permitindo que todos possam usufruir das aulas de maneira igualitária. Esse é um grande ganho, de fato, para a educação física escolar, porém, traz novas demandas à formação docente. Demandas que podem ser atendidas de maneira complementar por programas como o PIBID.

É dentro desse contexto que o presente trabalho está situado, com o objetivo de relatar vivências durante o PIBID com atenção às estratégias metodológicas empregadas para a inclusão de alunos especiais.

DESENVOLVIMENTO

Durante as ações do PIBID, no subprojeto de Educação Física, em duas escolas da rede pública estadual da cidade de Barbacena/MG, realizamos observações sistematizadas registradas em diário de campo sobre o trabalho pedagógico com alunos especiais. O registro em diário de campo ocorreu desde a inserção no programa como estratégia metodológica para a constituição de uma espécie de recordatório que auxiliasse bolsistas, voluntários e supervisores na identificação de situações que demandassem estudo coletivo, reflexão e/ou debate. A partir dessa conduta metodológica (observar-registrar-refletir), dedicamo-nos a um registro mais detalhado acerca da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas. Principalmente dado o fato de duas turmas, uma em cada escola-campo, possuírem alunos especiais.

As observações e seus respectivos registros, acerca dos alunos especiais, tiveram como princípios orientadores: 1) comportamentos durante as aulas (receptivo; participativo; apático; resistente, etc.); 2) estratégias didático-pedagógicas empregadas para a inclusão dos alunos especiais; 3) aprendizados obtidos pelos alunos especiais (mudança no comportamento motor - aquisição ou melhoria de habilidades motoras; entendimentos/aprendizados acerca dos conteúdos manifestados oralmente/fisicamente/afins); 4) interação entre os alunos especiais e os alunos 'ditos normais'.

Os registros contemplam o período de setembro/2018 a dezembro/2019. Foram observados dois alunos caracterizados como alunos especiais. Um deles classificado como aluno com atraso intelectual, manifestado por grande dificuldade de raciocínio e

compreensão, e o outro com transtorno do espectro autista (TEA) de grau leve, manifestado por riso compulsório fora de contexto, dificuldades de compreensão e raciocínio, dificuldades de orientação espacial e temporal.

As observações foram realizadas durante o acompanhamento das aulas regulares de educação física desses alunos e de atividades extracurriculares promovidas por meio do PIBID, sempre com o acompanhamento das professoras supervisoras.

RELATO DAS VIVÊNCIAS JUNTO AOS ALUNOS ESPECIAIS DURANTE O PIBID

A observação das aulas do aluno com atraso intelectual evidenciou um tratamento didático-pedagógico diferente do que esperávamos. Isso porque, o mais frequente era que esse aluno recebesse tarefas diferenciadas da turma e as realizasse individualmente. Esse aspecto nos chamou muito a atenção, dado o fato de que essa estratégia metodológica parece estar na contramão da noção que circula no ambiente acadêmico de educação inclusiva.

Segundo Mendes (2017), em qualquer contexto educacional é necessário alcançar uma educação de igualdade para todos independentemente das características individuais. Santos e Velozo (2013, p.7) corroboram, afirmando que a escola deve ser compreendida como “(...) um ambiente onde devem ser adotadas práticas inclusivas efetivas, afinal, a escola é composta por um público diverso, em que cada um tem suas peculiaridades”.

Nossas observações também permitiram identificar que as diferentes atividades propostas para o aluno tinham objetivos voltados para o desenvolvimento físico-motor e cognitivo. O foco variava de acordo com o conteúdo e atividade. Mas, as habilidades sociais e afetivas foram deixadas de lado uma vez que, raras foram as oportunidades de interação desse aluno com os seus colegas de turma. A citar como exemplos de atividades propostas para o aluno: pequenos circuitos motores; jogos de quebra-cabeça; jogos de tabuleiro e jogos de memória.

Nas poucas oportunidades que esse aluno teve para interagir com seus colegas de turma, realizando atividades coletivamente, foi possível identificar que ele apresentava condições mínimas para participar das aulas de maneira integral. Ou seja, nossas observações nos permitiram deduzir que esse aluno teria condições de participar de todas as aulas, independente do conteúdo abordado. Provavelmente, em algumas situações seria necessária

maior atenção no momento de exposição das orientações das tarefas solicitadas e talvez algum auxílio direto no momento da realização prática.

Nas aulas em que esse aluno foi incluído, percebemos claramente uma participação ativa dele e boa receptividade às atividades propostas. Mostrava-se sempre à vontade, descontraído e confiante. E os colegas de turma interagindo normalmente com ele. Como era rotineiro o trabalho individualizado, não foi possível observarmos avanços no seu desenvolvimento físico-motor, cognitivo e sócio-afetivo que pudessem ter sido mobilizados pelo trabalho inclusivo. Também não observamos intercorrências ou situações problemáticas que demandassem algum tipo de intervenção do professor. O que temos como análise pontual dessa situação é que infelizmente não estava sendo colocada em ação a perspectiva da educação física inclusiva, pelo menos não de maneira regular.

Acreditamos que oportunizar a inclusão desse aluno nas aulas seria igualmente importante para ele e seus colegas, pois, a possibilidade de conviver e aprender junto com pessoas diferentes amplia o aprendizado de todos. Aguiar e Duarte (2005, p. 236), ao realizarem estudo com professores de educação física sobre a inclusão de alunos especiais nas aulas, encontraram resultados que apontam para melhoras no comportamento solidário, cooperativo, respeitoso e responsável de todos os alunos, em especial, daqueles que não possuíam nenhum tipo de deficiência. É nesse sentido, que nos parece pertinente afirmar que uma importante estratégia metodológica para promover a educação inclusiva é o trabalho em grupo.

Já o outro aluno especial que observamos na outra escola-campo do PIBID, com TEA, participava de todas as atividades juntamente com os colegas de turma. Recebeu o mesmo tratamento que os demais, com algumas questões em destaque como: explicações/orientações direcionadas a ele para lhe facilitar a compreensão e um olhar mais atento da professora nos momentos de vivência das práticas corporais.

Esse aluno sempre demonstrou comportamento receptivo às atividades propostas e participação ativa nelas. Apresentava boas interações com os colegas e foi possível percebermos mudanças positivas no seu desenvolvimento motor ao longo do período em que o observamos.

Uma estratégia metodológica que nos chamou a atenção foi a utilização de jogos e brincadeiras, de maneira recorrente nas aulas, como atividade introdutória do conteúdo

principal. A citar como exemplo, temos o ensino do handebol. Foram propostos jogos adaptados e atividades recreativas que envolviam, de maneira lúdica, alguns aspectos relacionados aos fundamentos técnicos e táticos desse esporte, sempre ao início das aulas. Assim, era possível recuperar aprendizados de aulas anteriores e inserir novos elementos de maneira recreativa facilitando a participação do aluno especial.

O aluno com TEA sempre participou de todas as atividades mesmo apresentando, em vários momentos, dificuldades no entendimento de regras/orientações e dificuldades de orientação espacial no momento das práticas. Mas, em momento algum essas ocorrências inviabilizaram a sua participação. Como estratégia para otimizar sua inserção nas atividades os pibidianos prestavam auxílio ao aluno e até mesmo os colegas o ajudavam. Atitude que possivelmente tenha sido mobilizada pelas relações de convivência já estabelecidas entre eles, dado o fato desse aluno estar incluído nas aulas desde o início do ano letivo.

Os jogos recreativos, quando trabalhados em aula de maneira recorrente, podem se tornar uma importante ferramenta para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas. Gil *et. al* (2002, p. 8), evidenciam o jogo como sendo um dos eixos do processo inclusivo: “(...) é através de um jogo adaptado às necessidades especiais deste aluno, que ele terá chances de se destacar frente aos demais, ser respeitado e visto como alguém capaz de participar e, porque não dizer, de superar suas dificuldades (...)”. Os mesmos autores, em seu trabalho, apresentam aspectos relevantes ao processo educacional proporcionados pelo trabalho com os jogos: aumento considerável da oralidade dos alunos; maior capacidade de concentração e maior cooperação entre colegas. Através dos jogos todos os alunos podem interagir e aprender de forma descontraída.

Nossas observações nos permitiram identificar melhoras no desenvolvimento desse aluno, a partir do momento em que ele foi apresentando menos dificuldades relacionadas aos aspectos motores e à orientação espacial durante as atividades realizadas, mesmo que de maneira modesta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as observações realizadas foi possível identificarmos duas situações distintas no que se refere à educação inclusiva nas aulas de educação física. Embora os alunos com necessidades especiais tivessem recebido classificações distintas, ainda assim apresentavam

algumas questões semelhantes - dificuldades de raciocínio e compreensão de orientações. Isso nos leva a crer que, para ambos a realização de um trabalho coletivo e a utilização de jogos recreativos elaborados com elementos dos conteúdos a serem tratados nas aulas, funcionariam como bons recursos para a promoção da inclusão. Com isso, o aluno com atraso intelectual provavelmente também apresentaria resultados positivos no seu desenvolvimento físico-motor, cognitivo e sócio-afetivo.

Por fim, identificamos o trabalho em grupo como estratégia eficiente na inclusão de alunos especiais. Porém, nem todos os professores utilizam esse recurso, seja por falta de informação, conhecimento ou experiência docente. As vivências no PIBID oportunizaram identificar ser possível tratar pedagogicamente os conteúdos da educação física de maneira adaptada para que alunos especiais possam participar das aulas.

THE INCLUSION OF SPECIAL STUDENTS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

ABSTRACT

This text aims to report experiences of pedagogical practices observed and experienced during the actions of the Physical Education subproject of PIBID in two public schools in the city of Barbacena/MG, which had students with special educational needs. Through systematic observation, we identified that group work is an effective methodology to be used in the inclusion of students with special educational needs, respecting their individuality.

KEYWORDS: *physical education; inclusion; PIBID.*

LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES ESPECIALES EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo reportar experiencias de prácticas pedagógicas observadas y vividas durante las acciones del Educación Física del PIBID en dos escuelas públicas de la ciudad de Barbacena/MG, que contaban con alumnos con necesidades educativas especiales. A través de la observación sistemática, identificamos que el trabajo en grupo es una metodología eficaz para ser utilizada en la inclusión de estudiantes con necesidades educativas especiales, respetando su individualidad.

PALABRAS CLAVES: *educación física; inclusión; PIBID.*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S. D; DUARTE. E. Educação Inclusiva: um estudo na área da educação física **Rev. Bras. Ed. Esp** v.11, n.2, p.223-240. Marília, Mai-Ago 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/rL3CHBMyYt5zQmjftwLswtx/?lang=pt>> Acesso em 15/06/2021.

CAPES. Disponível em <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>> Acesso em 15 jun. 2021.

COSTA, A. M; SOUSA. S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços, e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, p 27-42, 2004. Disponível em: < <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/236> > Acesso em 15/06/2021.

GIL, J. P.A., SCHEEREN, C., LEMOS, H. D. D., FERREIRA, S. M. O significado do jogo e do brinquedo no processo inclusivo: conhecendo novas metodologias no cotidiano escolar. **Revista Educação Especial**, 1(20), 75-88. 2002. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5109> > Acesso em 15/06/2021.

MENDES, E.G. Sobre alunos “incluídos” ou “da inclusão”: reflexões sobre o conceito de inclusão escolar (p. 58-83). IN: VICTOR, S. L., VIEIRA, A.B.; OLIVEIRA, I.M.de. **Educação especial inclusiva: conceituações, medicalização e políticas**. Brasil Multicultural: Campos dos Goytacazes, RJ, 2017. 304 p. Disponível em: < https://gestaoeducacaoespecial.ufes.br/sites/gestaoeducacaoespecial.ufes.br/files/field/anexo/educacao_especial_inclusiva.pdf#page=58 > Acesso em: 15/06/2021.

SANTOS, K. D; VELOSO, E. L. Inclusão dentro dos processos educativos e da educação física. **Seminário de pesquisa do PPE**. Jun. 2013. Disponível em: < http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_04/115.pdf > Acesso em: 15/06/2021.

SILVA, F. O. D; RIOS. J. A. V. P. Narrativas de si na iniciação à docência: o PIBID como espaço e tempo formativos. **Educação e formação**. Fortaleza, v.3, n.8, p. 57-74, maio/ago 2018. Disponível em: < <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/270> > Acesso em: 15/06/2021.

SOARES, C. L. et. al. Metodologia no ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.